



HANNAH HOWELL

OS MURRAYS • 2

A HONRA
das Terras Altas



Título original: *Highland Honor*

Copyright © 1999 por Hannah Howell

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado em acordo com a Bookcase Literary Agency e Kensington Publishing

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Os direitos morais da autora estão assegurados.

tradução: Livia de Almeida

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Suelen Lopes e Tereza da Rocha

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Renata Vidal

imagens de capa: © Terrence Drysdale/ Trevillion Images

impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H845h Howell, Hannah

A honra das terras altas/ Hannah Howell; tradução de
Livia de Almeida. São Paulo: Arqueiro, 2020.
272 p.; 16 x 23 cm. (Os Murrays; 2)

Tradução de: Highland honor
ISBN 978-85-306-0134-8

1. Ficção americana. I. Almeida, Livia de. II. Título.
III. Série.

19-62017

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

CAPÍTULO UM

França, primavera de 1437

Nigel Murray soltou um grunhido enquanto se sentava de modo desajeitado. Levou as mãos à cabeça, estremeando ao encontrar a grossa camada de sujeira que cobria seu cabelo castanho, e olhou em volta, franzindo os olhos dolorosamente para a luz pálida do alvorecer. Levou um momento para reconhecer o lugar onde se encontrava. Então fez uma careta de desgosto. Não tinha sequer alcançado sua pequena tenda: adormecera na lama, bem diante da entrada.

– Por sorte não me afoguei no lodo – resmungou enquanto se levantava cambaleando, o latejar na cabeça dificultando ainda mais o equilíbrio.

Aos poucos, se deu conta de um cheiro repugnante. E a repulsa se multiplicou por dez quando percebeu que o cheiro desagradável vinha de si mesmo. Nigel praguejou e seguiu na direção do riacho próximo ao lugar onde as tropas haviam acampado. Precisava se livrar daquele fedor e clarear os pensamentos. A água gelada serviria para as duas coisas.

A situação estava completamente fora de controle, concluiu enquanto avançava por entre as árvores. Quando um homem acorda esparramado na lama, sem saber ao certo onde está nem como chegou lá, ele precisa reavaliar seriamente a própria condição. Era o que Nigel havia pensado sobre vários de seus compatriotas durante os sete longos anos em que vinha lutando ao lado dos franceses. Agora, precisava seguir o próprio conselho. Sabia que havia chegado ao ponto em que ou mudava ou morria.

Chegando ao rio, encontrou uma parte rasa, arrancou as botas, soltou a espada e a bainha e entrou. Depois de mergulhar a cabeça por um instante na frieza quase excessiva da água, ele se deitou, a cabeça apoiada na suave inclinação da margem coberta de grama. Ficou esparramado ali, de olhos fechados, deixando que a água gelada afastasse de sua mente a nebulosidade do vinho e que a correnteza levasse embora o fedor das roupas e do corpo.

Desde que chegara à França, vinha afundando cada vez mais na bebida e nos braços de uma multidão de mulheres sem rosto e sem nome. As batalhas ocasionais contra os inimigos ingleses ou franceses do senhor que estivesse pagando por sua espada na ocasião eram a única coisa que o fazia interromper aquele ciclo contínuo de libertinagem. Nigel sabia que tinha sorte de ainda estar vivo após sete anos de tamanha estupidez. Na noite anterior, poderia ter caído de cara na lama e, de tão bêbado, acabar se afogando no lodo. Poderia ter ido parar no acampamento do inimigo, onde o matariam antes mesmo que percebesse seu erro. Poderia ter sido degolado e roubado por alguma das muitas figuras sombrias que espreitavam a área das tropas ou mesmo por um de seus companheiros. Tinha se deixado levar por uma estranha loucura que poderia facilmente ter lhe custado a vida.

E por quê? Era essa a pergunta que precisava fazer a si mesmo. No início, o vinho e as mulheres haviam sido um alívio para o anseio em seu coração, uma tentativa de aliviar a dor que o fizera deixar seu lar, a Escócia e Donncoill. Agora, suspeitava que isso houvesse se tornado um hábito. O vinho oferecia um entorpecimento tentador, uma bem-vinda incapacidade de pensar, e as mulheres proporcionavam a seu corpo um alívio temporário. Não, não valia a pena pôr sua vida em risco por isso, concluiu ele, com convicção. Quando deixara a Escócia, havia garantido aos irmãos que não estava indo para a França para tentar morrer em batalha. Tampouco queria morrer num estupor alcoólico.

Algumas vozes alcançaram seus ouvidos, arrancando-o dos pensamentos soturnos e da desagradável autoanálise. Nigel se arrastou para se sentar e prestou atenção. Assim que soube de onde vinha o ruído, agarrou as botas e a espada e se aproximou sorratamente. A curiosidade o conduzia – assim como a tentação de desviar o olhar da situação degradante a que havia chegado depois de sete anos.

Por pouco não deu de cara com as duas pessoas. Estavam mais perto do que ele percebera, numa clareira que não se via muito bem até ser alcançada. Nigel se escondeu depressa atrás de um arbusto baixo de frutas silvestres. Era um esconderijo ruim, mas os dois ali na clareira estavam tão absortos em seus assuntos que ele teve certeza de que não o veriam se não fizesse barulho.

Nigel reconheceu o rapaz, só precisou de um momento para lembrar o nome. Mas foi a menor da dupla que atraiu seu interesse. Por que

Guy Lucette conversava tão atentamente com uma minúscula mulher de cabelos pretos, vestida em roupas masculinas que lhe caíam muito mal? Uma rápida olhada no monte de espessas madeixas muito escuras espalhadas pelo chão informou a Nigel que os cachos curtos da mulher eram algo muito recente. Sentiu um estranho pesar ao ver os fios descartados e se perguntou por quê. Concluiu que qualquer homem ficaria pesaroso ao ver um cabelo tão longo e belo ser tosquiado e jogado fora. Uma cabeleira daquelas era a glória de uma mulher. Por que aquela pequena dama teria tomado uma decisão tão drástica? Obrigou-se a parar de pensar e a ouvir a conversa, tentando acompanhar o ritmo rápido do francês que falavam.

– Isso é loucura, Gisele – murmurou Guy enquanto a ajudava a amarrar a calça justa, muito manchada, feita em pele de cervo, e um gibão acolchoado já gasto. – Em breve vamos enfrentar os ingleses, e o campo de batalha não é lugar para uma mulher.

– As terras dos DeVeau também não são lugar para uma mulher. Muito menos para esta – retrucou a jovem, tocando os agora curtíssimos cachos com dedos longos que pareciam vacilantes. – Eu poderia matar o homem só por isso.

– O homem já está morto.

– O que não me impede de querer matá-lo.

– Por quê? Ele não cortou seu cabelo nem pediu que o fizesse.

– O desgraçado me obrigou a isso. Ou melhor, a maldita família dele me obrigou. Eu não tinha ideia de que os DeVeau eram reprodutores tão prolíficos. Parece que há um deles em cada esquina, embaixo de cada arbusto.

– E é provável que haja alguns DeVeau no exército reunido nessas paragens – disse Guy, em voz baixa. – Você não levou isso em consideração quando concebeu esse plano louco?

– Levei, sim – respondeu ela, puxando o gibão e o alisando com as mãos pequenas para ter certeza de que os seios não marcavam a frente da vestimenta. – Também levei em consideração o fato de que muitos DeVeau sabem ou poderiam descobrir facilmente que você é meu primo. Mas nada disso importa. Ninguém vai pensar em me procurar entre tantos pajens correndo pelo acampamento.

– Pode ser, mas mesmo assim quero que permaneça perto de mim. Melhor: quero que permaneça dentro da minha tenda tanto quanto possível,

sem atrair suspeitas. – Guy observou o cabelo espalhado pelo chão e então assentiu com satisfação silenciosa. – Se for vista pelo seu inimigo, se for descoberta aqui por eles, pode facilmente ser morta. Os DeVeau ofereceram uma recompensa polpuda por sua bela cabecinha, e muitos homens estarão ansiosos para encher o bolso.

Distraidamente, Nigel se perguntou quanto os DeVeau estariam dispostos a pagar pela dama. Mas não importava. Estava intrigado, e a curiosidade devolvia uma centelha de vida às suas veias. Desde que fugira da Escócia, era a primeira vez que se interessava por algo além da própria infelicidade, da própria batalha, e isso era maravilhoso. Inúmeras perguntas inundavam sua mente, mas ele não se importava em saber as respostas. Queria apenas ouvi-las.

Guy e a jovem esguia que ele havia chamado de Gisele enterraram as roupas femininas e o cabelo cortado em uma cova rasa e partiram. Nigel parou de segui-los apenas por tempo suficiente para resgatar o que haviam tentado ocultar. Transformou um xale em uma pequena trouxa e guardou dentro dela o cabelo e as outras peças de roupa. Depois, foi deixar a trouxa em sua tenda antes de se dirigir à de Guy.

Foi muito fácil se aproximar sem ser visto. O jovem cavaleiro perdera dois de seus compatriotas no último conflito com os ingleses e ainda não os substituíra. Nitidamente, Guy e Gisele não estavam fazendo um bom trabalho em se proteger. Qualquer um que estivesse à caça da jovem e descobrisse onde se encontrava não precisaria fazer o menor esforço para capturá-la.

Ao fitar a entrada da tenda de Guy, Nigel se perguntou o que fazer a seguir. Também pensou por que deveria se importar se aqueles tolos fossem liquidados, então concluiu que qualquer coisa que o desviasse da trilha de autodestruição que vinha percorrendo já valia a pena. E não sabia ainda se a dupla tinha feito algo que realmente merecesse a sentença de morte. Tudo podia não passar de um mal-entendido. Sua família sabia muito bem o preço de erros assim, tendo se envolvido numa longa e sangrenta disputa por causa de um erro. Vários homens bons haviam morrido antes que toda a verdade fosse revelada. Mas Nigel percebeu que poderia estar sendo movido por mais do que mera curiosidade quando pensou que algo de ruim poderia acontecer a Gisele e sentiu o sangue gelar. A intensidade daquele sentimento de consternação não podia ser explicada apenas

dizendo a si mesmo que qualquer homem com sangue nas veias odiaria que algo de ruim acontecesse a uma mocinha tão bela, ainda mais se fosse fruto de um mal-entendido.

– Pare com essa indecisão, Nigel – repreendeu a si mesmo enquanto andava a passos lentos de um lado para o outro diante da tenda de Guy.

Não lhe vinha à mente nenhuma forma astuciosa de abordar a dupla. Nigel praguejou. Ou não havia mesmo um jeito simples de fazer aquilo ou sua mente ainda estava entorpecida demais pelo vinho para engendrar o mais simples dos planos. A abordagem direta seria a melhor, decidiu. Depois de bradar uma saudação, entrou.

Os olhares espantados e desconcertados dos primos foram tão divertidos que Nigel teve que sorrir. A reação de Guy foi lenta demais para salvá-los caso o recém-chegado fosse um inimigo, mas o jovem finalmente entrou em ação. Nigel abriu um sorriso ainda maior quando Guy sacou a espada e escondeu Gisele atrás de si. O rapaz claramente não percebia que sua atitude protetora denunciava que a prima era mulher – e muito mais rápido que um olhar atento.

– Não há necessidade disso – falou Nigel.

Ele rezou para que os dois compreendessem inglês, pois sua pronúncia fazia com que poucos o entendessem quando ele arriscava o francês.

Nigel afastou um pouco as mãos do corpo, para demonstrar que não tinha intenção de sacar a arma.

– Não? Então por que apareceu assim de supetão, se não pretende nos fazer mal? – indagou Guy.

Afastando uma breve pontada de inveja diante da prova de que Guy sabia falar inglês bem melhor do que ele falava francês, Nigel olhou para Gisele, que o observava com atenção por trás das costas largas do primo. Tinha olhos grandes e belos, de um verde intenso que ele só vira uma vez.

– É de estranhar que seu pajem não saque a espada nem fique ao seu lado – disse Nigel, arrastando as palavras e rindo baixinho quando os olhos escuros de Guy se arregalaram por um instante e o jovem praguejou baixinho. – Até pode fazer a mocinha parecer um rapazola, pelo menos para quem olhar de relance, mas é muito difícil se lembrar de tratá-la como um homem.

Gisele sentiu um calafrio de medo, mas depois ficou confusa. A primeira

coisa que lhe passara pela cabeça era que o lindo escocês havia sido contratado pelos DeVeau, mas não via ameaça naquele sorriso encantador nem em sua postura descontraída. Embora tivesse levado um momento para enxergar além da beleza naqueles olhos cor de mel, o que via neles era apenas curiosidade e divertimento. E aquele olhar logo começou a irritá-la, pois não conseguia entender que graça havia em sua situação lamentável – que tampouco era algo que deveria receber a interferência de um cavaleiro entediado, interessado apenas em aliviar seu enfado. Sua vida estava por um fio.

Apesar da raiva crescente que sentia e do aspecto desalinhado do escocês, Gisele foi incapaz de ignorar sua bela aparência. Ele era alto e esguio, dono de uma força elegante evidenciada pelas roupas úmidas coladas ao corpo musculoso. O cabelo também estava molhado, caindo em cachos até abaixo da linha dos ombros, mas algumas mechas estavam secas o suficiente para mostrar que o tom dourado dos olhos também se fazia presente nos fios. Nigel manteve o olhar em Gisele por muito tempo enquanto ela o observava. Parecia exausto, com uma barba de muitos dias, mas mesmo assim era um dos homens mais belos que ela já vira. Tinha as maçãs do rosto altas, um nariz longo e reto – que, de algum modo, escapara dos golpes que a maioria dos cavaleiros costumava levar –, um queixo marcante e uma boca tentadora que com certeza já seduzira muitas mulheres a experimentar seu calor suave. Gisele ficou surpresa com a tristeza que sentiu ao notar os primeiros sinais de uma vida de libertinagem, as rugas desenhadas pelo excesso de vinho e, muito provavelmente, pela entrega exagerada aos prazeres da carne. Ela vira aquelas mesmas marcas no rosto do marido. Que preocupações poderia ter aquele belo e forte escocês para se entregar à bebida e às mulheres?

Quando os olhares dos dois se encontraram, Gisele corou. Vinha fitando o homem com intensidade demais, por tempo demais, e ele, por fim, percebera. Ela desviou o olhar depressa, constrangida. Precisou de um momento para se recompor e reavivar a raiva que sentira por aquele ar divertido tão inconveniente. Quando voltou a olhá-lo, ele exibia um sorrisinho malicioso. Gisele precisou lutar para conter a irritação.

– Acabei de assumir este disfarce. Poderia me dizer como o descobriu? – indagou ela, com firmeza.

– Eu estava no rio.

– *Merde* – balbuciou ela, e lhe lançou um olhar furioso quando ele riu. – Então é um espião.

– Não. Só um homem que gosta de estar limpo de vez em quando.

Ela decidiu ignorar aquela frivolidade e saiu de trás de Guy.

– Se não está me caçando, que interesse tem na maneira como me visto ou tento me portar?

– A curiosidade é uma força e tanto.

– E o senhor é um cavaleiro grande e forte. Lute contra ela.

– Gisele – repreendeu Guy, cutucando a prima com o cotovelo –, precisamos descobrir o que ele quer antes de afiarmos a língua no couro dele – disse ele em francês.

– Eu falo francês – murmurou Nigel em francês, e sorriu ao receber um olhar de ódio dos dois.

– Ao que parece, fala terrivelmente – disse Gisele, que praguejou ao receber outra cotovelada de Guy.

– Conheço o senhor, não? – perguntou Guy, franzindo a testa.

– Só de vista. – Nigel se curvou ligeiramente. – Sir Nigel Murray.

– Sir Guy Lucette. Minha prima, Gisele DeVeau. Pretende expor nossa farsa? Ou procura recompensa para guardar nosso segredo?

– Por quem me tomam? – Mas Nigel não se sentia ofendido, pois compreendia que seus atos levantavam suspeitas. – Juro pela honra do meu clã que minha intromissão foi motivada apenas por curiosidade.

– Uma obediência tão cega à curiosidade poderia facilmente levá-lo à morte – provocou Guy, guardando a espada. – Temo que não será saciada desta vez.

– Não?

– Não – confirmou Gisele. – Este assunto não é da sua conta.

– E não avaliam que será necessária alguma ajuda? Mais uma espada para protegê-los?

Nigel reparou que Guy franziu a testa, obviamente levando suas palavras em consideração, mas Gisele não demonstrou qualquer hesitação.

– É um assunto de família, senhor – disse ela. – Não precisamos de ajuda.

– Não? Sua farsa mal começou e já foi descoberta.

– O senhor descobriu somente porque estava nos espionando.

– Posso não ter sido o único – disse ele em voz baixa, tentando fazer a jovem compreender o que sua descoberta e sua presença implicavam.

Guy empalideceu. Nigel assentiu, feliz por ver que ele entendia. Gisele parecia estar tomada por um intrigante misto de nervosismo e raiva. O bom senso deveria lhes dizer que precisavam desesperadamente de ajuda, mas Nigel sabia que muitas coisas podem interferir na voz do bom senso. Eles não o conheciam, não realmente, portanto não tinham motivo para confiar nele. Havia também a questão do orgulho, sentimento que Nigel suspeitava que os primos possuísem em larga medida. Só restava a Nigel torcer para que a cautela e o orgulho não os dominassem por muito tempo.

– Acredito que teríamos reparado se o bosque à nossa volta estivesse tomado por espíões – resmungou Gisele, fazendo uma careta quando Guy lhe deu mais uma leve cutucada de repreensão.

– Sir Murray, compreendo o que está tentando nos dizer – interveio Guy, lançando um olhar raivoso para calar Gisele quando ela tentou se manifestar. – É certo que precisamos ser mais cuidadosos e atentos em relação aos locais por onde andamos.

– Mas recusam minha ajuda.

– É preciso. Este não é um problema seu. Seria descortês arrastá-lo para nossas dificuldades.

– Mesmo se eu estiver disposto a ser arrastado?

– Mesmo assim.

Nigel deu de ombros.

– Como quiser.

– Nós agradecemos sinceramente sua bondosa preocupação.

– Nós? – retrucou Gisele.

Mas Nigel apenas sorriu e Guy ignorou a interrupção.

– Apesar de sua cortês recusa – disse Nigel –, esteja certo de que ainda podem contar com minha ajuda. Sabe onde me encontrar se mudarem de ideia.

Nigel se curvou numa breve saudação e partiu. A poucos metros da tenda de Guy, parou e olhou para trás. Chegou a considerar a ideia de voltar e espreitá-los para ouvir o que diziam, mas não. Os dois certamente teriam ficado mais cautelosos, baixando o tom de voz e medindo as palavras, tornando impossível ouvi-las. Só podia esperar e rezar que buscassem sua ajuda antes que a ameaça que tanto temiam os alcançasse.



– Isso pode ter sido um erro – disse Guy em voz baixa, fechando as abas da tenda.

– Não precisamos da ajuda do escocês – disse Gisele enquanto se sentava em um pequeno baú coberto com uma colcha.

– Confia demais na minha capacidade de protegê-la.

Guy se sentou perto do pequeno buraco cercado de pedras no chão de terra batida e começou a acender o fogo

– Você tem grande habilidade e é um cavaleiro muito honrado.

– Agradeço os elogios, mas minha reputação, modesta como é, foi conquistada na batalha, no combate honroso. Isto é diferente. Sou tudo o que há entre você e uma verdadeira horda de DeVeau vingativos e seus compar-sas; e nenhum deles é conhecido por agir de maneira honrada. Uma espada a mais poderia ser útil.

– Não sabemos se ele pretende usar aquela espada para nos ajudar ou para nos conduzir às mãos de nossos inimigos. O escocês pode muito bem ser um assecla de DeVeau.

– Não acredito nisso.

– Você nem conhece esse sujeito.

– Verdade, mas nunca ouvi nada de ruim sobre ele. É melhor não o descartarmos completamente.

Gisele praguejou em silêncio e passou as mãos no cabelo recém-cortado. Não conseguia acreditar que sir Murray tivesse más intenções, mas temia estar sendo influenciada pela impressão causada por aquele rosto bonito e aqueles belos olhos. O fato de Guy admitir sentir a mesma confiança no homem diminuiu só um pouco seu mal-estar. Ela vivia se escondendo e fugindo há tanto tempo que não se permitia confiar facilmente nem nas próprias opiniões. Se até alguns familiares seus acreditavam nas acusações que pesavam contra ela e haviam lhe virado as costas, por que um desconhecido, vindo de uma terra desconhecida, ofereceria ajuda? E será que ele manteria a oferta depois que descobrisse o motivo de os DeVeau a estarem perseguindo e a quantia que ofereciam por sua captura?

– Então não vamos descartá-lo por completo – cedeu ela, por fim –, mas também não vamos aceitá-lo cegamente como aliado.

– Às vezes a cautela pode ser excessiva, prima.

– Verdade, mas não esqueça por que estou me escondendo. Sir Murray talvez não continue tão amistoso ou tão disposto a nos ajudar quando souber

o motivo de nossa cautela e desse disfarce. – Ela abriu um sorriso triste. – Um homem dificilmente perdoaria uma mulher que matou seu marido.

– Mas você não o matou.

– Os DeVeau acreditam que matei, assim como alguns de nossa família.

Por que um desconhecido acreditaria em mim?

Guy fez uma careta e praguejou baixinho. Gisele assentiu.

– Vamos aguardar e tomar nossa decisão em relação ao escocês com calma.

– Concordo. Só rezo para que os DeVeau não nos encontrem primeiro.

CAPÍTULO DOIS

– **O**s pajens não costumam usar amuletos tão bonitos.

Gisele praguejou, colocou o medalhão incrustado de granada por dentro do gibão e lançou um olhar furioso para o escocês sorridente enquanto botava o saco de madeira no ombro. Fez o melhor que pôde para ignorar o belo sorriso enquanto caminhava pelo bosque até a tenda de Guy. Já se passara uma semana desde que sir Murray se intrometera em seu segredo. O homem acompanhava todos os seus movimentos e ela esbarrava nele com frequência, vendo aquele sorriso sedutor em todo canto. Gisele não sabia se o que a incomodava mais era a persistência dele ou a atração inabalável que sentia por aquele patife.

– Quer ajuda com essa lenha? – ofereceu Nigel, colocando-se ao lado dela.

– *Non* – retrucou Gisele, irritada por não conseguir andar mais rápido que ele. – Já pensou que toda essa atenção pode levantar suspeitas?

– Sim, mas não acho que as suspeitas seriam quanto ao seu sexo.

– O que pensariam, então?

– Que eu me cansei das mulheres.

Ela franziu a testa, arquejou e corou ao compreender o que ele queria dizer.

– Isso é inconcebível.

Nigel deu de ombros.

– Estamos na França.

– Cuidado com o que diz, meu bom cavaleiro. Sou francesa.

CONHEÇA OS LIVROS DE HANNAH HOWELL

O destino das Terras Altas

A honra das Terras Altas

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

